

Denise Silva Magalhães

Professora Assistente do Departamento de Geografia da UFBA,
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA
dmagal50@yahoo.com.br

Largo da Graça em Salvador-BA: Uma “nova” percepção

Resumo

Experiência vivenciada durante um pequeno trabalho empírico realizado no Largo da Graça, em Salvador-BA, motivou este artigo que apresenta o estudo aprofundado com novas pesquisas, várias visitas ao local, entrevistas e fotos, como técnicas de observação direta da realidade. Mas, qual método deveria seguir para apreender a essência do espaço em questão? Seguindo uma ponderação de Júlia Adão Bernardes, caminhei sem caminho, esperando tê-lo feito ao final do trabalho. Sistematizei e racionalizei as atividades, para obter um conhecimento válido da área; procedi a investigações e análises de fatos, processos e instituições do passado, que interagiram com entrevistas qualitativas sobre o cotidiano dos frequentadores, moradores e trabalhadores do local. Transformou-se minha percepção do Largo da Graça, de um espaço apenas percebido, para um espaço vivido, um espaço público diferenciado por sua concretude e por práticas cotidianas e dinâmicas sociais que nele se desenvolvem.

Palavras-chave: Bairro da Graça, Largo da Graça, Praça Dr. Paterson, Espaço Público, Espaço Aberto.

Abstract

GRAÇA SQUARE IN SALVADOR – BA: A “NEW” PERCEPTION

The experience undertaken along an empirical work at Largo da Graça (Graça Square), in Salvador, Bahia, motivated this article which presents a deep study with new researches, local visits, interviews and pictures, as a reality direct observation technique. But, which method to adopt in order to learn the essence of the studied space? Following a thought by Júlia Adão Bernardes, I strayed without a trail, expecting to have trailed it at the end of the work. The activities were systematized and rationalized in order to lead to a valid knowledge of the area; I proceeded

the investigations and analysis of the facts, processes and institutions of the past, which interacted with the qualitative interviews on the local workers, inhabitants and visitors everyday life. My perception of the Largo da Graça has changed from a simply perceived to a lived space, a differentiated public space, through its concreteness and the daily practices and social dynamics there occurring.

Key-words: Graça District, Graça Square, Dr. Paterson Square, Public Space, Open Space.

1. Introdução

O subtítulo deste artigo poderia ser *“nunca mais um largo qualquer”*, mas, assim posto, me pareceu muito prosaico, embora seja dessa forma que o sinto.

Nos meus espaços cotidianos, lá pelos idos dos anos 1970, o Largo da Graça era sempre um local de passagem pelo qual optava, entre os bairros da Vitória e Barra Avenida para chegar à Barra, onde morava. Como tal, o Largo da Graça era apenas mais um largo, assim como o Largo de Roma, em Itapajipe, também local de passagem de meus espaços de infância e adolescência. Na época, esse espaço representou uma experiência contínua, mas não percebida, não vivida e, de acordo com Frémont (1980, p. 26, grifos meus), “[...] o espaço vivido deve integrar a dimensão do tempo (o tempo histórico, mas também, e **sobretudo, o tempo pessoal**), bem como o movimento, que é deslocação no tempo e no espaço”.

É importante dizer como mudou minha percepção – de um espaço qualquer para um espaço vivido – a partir de um pequeno trabalho de campo, realizado na disciplina Organização e Evolução do Espaço Urbano, do Programa de Pós-Graduação de Geografia na UFBA, na qual fui discente em início do meu doutorado. Nesse sentido, relevamos o trabalho de campo em Geografia, concordando com o que é enfatizado nos artigos referentes ao tema do Boletim Paulista de Geografia e respectivo Editorial, quando coloca que a ciência geográfica

[...] não se faz apenas consumindo leituras ou fazendo pesquisas em uma sala de aula com ar-condicionado. Se faz também sujando os pés de barro [...] sentindo o cheiro do mato ou da **poluição dos automóveis, olhando nos olhos das pessoas, prestando atenção nos gestos e em cada detalhe da fala** [...] (BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, 2006, p. 5-6, grifos meus).

Dessa forma, o presente artigo tem como meta apresentar tal estudo. Para este fim, agradeço inicialmente aos colegas¹ que disponibilizaram o trabalho feito para a disciplina, e que procurei aprofundar com novas pesquisas, várias visitas ao local em dias e horários distintos da semana – dias esses com sol, muito calor, só amenizado à noite –, como técnica de observação direta da realidade, novas entrevistas² e fotos.

O caminho a ser seguido para a pesquisa, que a princípio me pareceu fácil, foi angustiante do ponto de vista metodológico, o de escolher o método que melhor me ajudasse a apreender a essência do espaço em questão. Não por acaso, caiu-me nas mãos uma ponderação de Júlia Adão Bernardes (2006, p. 224), citando Morin, para quem método significa caminho “[...] e devemos aceitar caminhar sem caminho, fazendo o caminho no caminhar [...]”. Senti-me mais confortável, e segui o caminho, esperando tê-lo feito ao final do trabalho.

2. O bairro da Graça

[...] o urbano tanto pode ser mais, como pode ser menos que a cidade [...] sem o entendimento desta, considerada em uníssono como corpo e ação, a interpretação do urbano é frequentemente acanhada e insuficiente (SANTOS, 1990, p. 11).

Para esta primeira seção, é fundamental uma análise do processo socioespacial-temporal que irá contribuir para a percepção da paisagem atual do bairro da Graça, pois, de acordo com Lencioni (2006, p. 42), o conhecimento do real é “[...] um movimento temporal de constituição dos seres e suas significações”.

Poucas obras, de caráter eminentemente histórico-geográfico, contribuem para um estudo urbano de Salvador, a exemplo de “Salvador: transformações e permanências (1549-1999)”, na qual Pedro Vasconcelos (2002) consegue tão bem captar e revelar os espaços e tempos da cidade. No livro, o autor analisa a complexidade do território soteropolitano no contexto histórico e priorizando a geografia urbana, o desenvolvimento territorial da cidade, através de levantamentos e observações minuciosas.

Essa última parte, que ocorre em todos os períodos históricos determinados pelo autor, foi fundamental para o presente artigo, nas quais me baseei para a seção em pauta, “O Bairro da Graça”, sendo o referido autor também citado, entre muitos outros, em seções subseqüentes.

Segundo o autor, quando da colonização da área, os portugueses inicialmente ocuparam o sul da península, na primeira tentativa de implantação da capitania hereditária de Vila Velha ou Povoação do Pereira. Seu donatário, Pereira Coutinho, doou uma sesmaria a Diogo Alvares Correia, com a alcunha de “Caramuru” e a Catharina Alvares Paraguassu, em 1536, os quais formaram a primeira família cristã e documentada do Brasil, estabelecida nos atuais bairros da Barra e Graça, sendo, portanto, estes os mais antigos de Salvador.

De acordo com a reconstituição de Theodoro Sampaio, no período de 1550 a 1570, sendo a cidade de Salvador fundada em 1552, foram registradas as localidades de Vila Velha, Vitória e Graça, sendo que nesta última se ergueu a primeira capela, provavelmente em 1534, que, após ter sido levantado um novo templo, foi doada por Catharina Alvares, em 1586, aos Beneditinos, tendo sido a Abadia da Graça e sua Igreja construídas em 1646, substituído a capela anterior (VASCONCELOS, 2002).

Os primórdios do desenvolvimento e da distribuição territorial/social da população de Salvador, associados também a uma tradição colonialista, indicam a forma orgulhosa de moradores – que representam uma população de classe média-alta a alta da cidade³ – dos bairros da Barra, Barra Avenida, Vitória e Graça, se referirem à nobreza de seu local de residência. Em contraponto, os residentes de áreas modernizadas da cidade, a exemplo dos bairros do Iguatemi, Itaigara, que se acham também em situação privilegiada, chamam os tradicionais bairros de “Velha Salvador”.

Apesar desta invisível “disputa”, e embora se verifiquem locais de invasão e favela que existem nesses bairros, são considerados pelos soteropolitanos como área residencial “nobre” da cidade, ainda que sua ocupação atual seja mista, com variedade de serviços, comércio sofisticado, instituições culturais e de ensino, prédios residenciais, hotéis, hospitais, *shoppings*, museus, supermercados, farmácias, agências bancárias, docerias, restaurantes, cafés, entre outros.

Essa designação de espaços “nobres”, segundo Vasconcelos (2002), é utilizada, sobretudo, pela promoção imobiliária para imprimir um caráter

mais “aristocrático” aos produtos oferecidos. De igual forma, são denominados nessas áreas, em línguas estrangeiras, nomes de prédios referentes à nobreza.

Os espaços ‘nobres’ seriam sobretudo aqueles onde há maior concentração de indivíduos e famílias, em sua maioria branco-mestiços, com renda mais elevada, trabalhando ou vivendo de atividades de maior *status* e retorno financeiro, e residindo em construções de melhor nível, em bairros com melhor infra-estrutura e equipamentos urbanos (VASCONCELOS, 1985 *apud* VASCONCELOS, 2002, p. 402-403).

A maior concentração dos chamados espaços “nobres” está situada ao sul da península, sobretudo em suas partes mais elevadas (Vitória, Canela, Graça); litorâneas (Ondina, Barra); nas zonas do Iguatemi, Itaigara, Caminho das Árvores, Horto, Candéal; e na orla marítima (Armação, Patamares, Piatã, Stela Maris), com tipologias habitacionais variadas, indo de prédios de luxo aos loteamentos residenciais de baixa densidade, aos condomínios fechados de residências, normalmente em áreas elevadas, e às residências isoladas com muros altos, em vários bairros (VASCONCELOS, 2002).

“Velha Salvador” ou “Nova Salvador”? Centralidades outras? Os movimentos da cidade do Salvador levaram à formação de bairros mais modernos, processos de centralização com a emergência de subcentros residenciais, de serviços, comércio e lazer, enquanto nas ruas do bairro da Graça, o presente e o passado se fundem. A Igreja no largo, belas mansões e espigões de luxo dividem o espaço, formando um conjunto de sintonia, fatos que identificam o perfil do bairro como um reduto da elite soteropolitana, visto ser um dos metros quadrados mais caros da cidade.

Tal fato é possível de ser constatado em sites da internet, a exemplo do Portal Imobiliário VivaReal (<http://www.vivareal.com.br>), em 2012, que exhibe anúncio publicitário, informando a venda de um apartamento localizado em prédio tradicional do Largo da Graça, com 4/4, sendo 1 suíte com closet. Seguindo as informações iniciais que valorizam o imóvel no bairro, e a excelente localização, a imobiliária acrescenta dados que valorizam ainda mais a infra-estrutura do imóvel e do prédio. No entanto, não deixando de usar a natureza como um recurso da valorização do espaço

(HENRIQUE, 2009), ressalta a área de serviço com “entrada de sol” e a linda vista para o Largo da Graça e “vista para o mar”.

Imóveis similares, ao mesmo custo de R\$ 550,00 e R\$ 2.350 \$/m², são colocados à venda pela mesma imobiliária, nos bairros do Caminho das Árvores, Itaigara, Ondina, Candéal e Alphaville, justificando o que afirma Vasconcelos (2002) a respeito da concentração dos chamados espaços “nobres” de Salvador.

Segundo Tuan (1980), as pessoas, em grande parte, estão satisfeitas com sua área residencial e para os que vivem há “[...] muitos anos em um lugar a familiaridade engendra aceitação e até afeição. [...] As pessoas de alta renda comumente expressam satisfação, o que não é de surpreender pois **estão onde estão por sua própria escolha** [...]” (TUAN, 1980, p. 249, grifos meus).

De acordo com esse perfil, os moradores da Graça ainda o consideram como um bairro para morar: “Não sairia daqui para morar em nenhum outro lugar do mundo”, cita o advogado Zezé Catharino, demonstrando seu pertencimento e amor incondicional ao bairro. A nova geração também compartilha da ideia, pois, como cita a estudante Isabel Lopes, “[...] morar aqui é tudo pra mim. A cidade pra mim é aqui. A galera toda é daqui, todo mundo conhecido e tudo muito perto” (OLIVEIRA, 2011). Segundo Roberto (18 anos), nascido na Graça, neste bairro “tem muita coisa próxima, os amigos e é um bom lugar de morar”, enfatizando os muitos serviços disponíveis e a amizade feita no bairro.

Sentimentos de moradores se coadunam com a citação de Serpa (2009, p. 35): “Nos bairros de classe média, as relações entre vizinhos são mais seletivas e pessoais, já que o maior poder aquisitivo faz diminuir a necessidade de ajuda mútua e aumentar a necessidade individual de espaço”. Mas, como evidencia Lynch (1981, p. 236), para os grupos etários mais jovens, “a existência de uma comunidade social baseada no local é bastante importante”.

Opina Eliete (34 anos) que “o bairro é bom para quem tem dinheiro para morar”, esperando, sentada na Praça, o marido, que trabalha no Largo da Graça, em Centro Odontológico. Nesse sentido, o bairro da Graça é considerado um espaço segregado da cidade que agrupa pessoas do mesmo “*status*” econômico (FERRARI, 1982).

Como em qualquer grande metrópole, Salvador não foge à regra, as pessoas com rendas e *status* social diferentes vivem em partes menos privilegiadas da cidade. Os ricos conhecem intimamente suas próprias áreas residenciais, e estão bem conscientes da identidade de seu bairro, tal qual demonstraram os moradores da Graça. Os pobres, as empregadas domésticas, os porteiros, zeladores, só no dia a dia conhecem as “[...] áreas residenciais abastadas e adquirem uma perspectiva do mundo da riqueza bem diferente daquelas de seus padrões” (TUAN, 1980, p. 240).

Consolidado em 1940, o bairro da Graça localiza-se no alto de um morro, atingindo uma altitude de 80 metros do nível do mar, o que lhe confere, de fato, uma posição privilegiada. Do alto de seus inúmeros edifícios a vista oferece ângulos diferenciados que vão da Baía de Todos os Santos, descortinando a Ilha de Itaparica, às várias partes de Salvador, até o oceano. O bairro se distribui pelas encostas dessa elevação, caracterizando-se pelo traçado de ruas e avenidas arborizadas e prédios residenciais de luxo. No passado, sua localização tinha uma função estratégica, pois a visão panorâmica do mar ajudava a prevenir os possíveis ataques inimigos, sistema defensivo de importância no período colonial.

No Largo da Graça, a primeira igreja construída em Salvador, a já citada Igreja e Abadia de Nossa Senhora da Graça⁴, está situada numa posição estratégica, pois sua frente – com fachada barroca alterada em 1770 – fica voltada para a Baía de Todos os Santos, em um sítio agradável. Rica em elementos históricos, a Igreja é outro atrativo desse bairro onde lendas e histórias se confundem. Nela se encontram os restos mortais de Catharina Paraguassu e a imagem sobre o altar-mor, encontrada por Caramuru e Paraguassu, cuja visão milagrosa é demonstrada no teto da nave e tela da sacristia.

Dizem que as águas da Fonte de Nossa Senhora da Graça, próxima da Igreja, são mágicas⁵. Seu acesso, hoje, se faz pelo viaduto e, de acordo com Armando, que há 20 anos cuida da limpeza da igreja, o local é perigoso, tendo se tornado um reduto de lavadores de carro, de marginais e de usuários de droga.

A Graça é um bairro eminentemente residencial, dotado de variedade de serviços e infraestrutura e tem como vias principais a rua homônima que principia na Avenida Sete de Setembro (Largo da Vitória) e termina no

Largo da Graça. Desde o período imperial, agentes em Salvador, entre eles a nobreza, comentavam, com elogios, os bairros da Vitória, Barra e Graça. Em 1859, D. Pedro II descreveu o caminho para a Graça: “desde o Campo da Vitória é muito bonito por causa das belas chácaras com lindos edifícios, principalmente de estrangeiros [...]” (VASCONCELOS, 2002, p. 247).

A Rua da Graça, a partir de um elevado viaduto liga-se à Avenida Euclides da Cunha, a principal do bairro, que se estende até o final da Rua Padre Feijó e começo da Ladeira do Campo Santo, no bairro da Federação. Nessa avenida, foi construído, em 1957, o edifício Comendador Horácio Urpia, dando início ao processo de verticalização do bairro⁶. A Avenida Princesa Leopoldina liga a Graça à Barra e ao Chame-Chame. Ao fim dessa avenida, encontra-se o Hospital Português e a atual Perini onde se localizava a sede e grande parte do Clube Baiano de Tênis, um dos mais tradicionais da capital baiana.

O crescimento do comércio, a partir dos anos 1980, contribuiu para o aumento do fluxo de pessoas e veículos na Graça. A construção do viaduto, permitindo a ligação do bairro ao vale do Canela, se relaciona à entrada dos princípios do urbanismo moderno em Salvador, com a proposta da construção das “avenidas de vale” pelo engenheiro Mário Leal Ferreira⁷, em 1947.

Cita Vasconcelos (2002, p. 358) que a Avenida Vale do Canela foi, segundo Scheinowitz (1998), inaugurada em 1974 “[...] fazendo a ligação entre a avenida do Contorno (Cidade Baixa), com a avenida Garibaldi (e indiretamente com a avenida Vasco da Gama), e com o sistema viário ao sul da península”, melhorando a acessibilidade do local.

Na Graça, são referências o Museu de Arte Rodin Bahia, no Palacete Catharino, instalado na sua rua principal; articuladas ao sistema de avenidas de vale, mais especificamente ao vale do Canela, as faculdades de Administração e Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA); a Fundação Orlando Gomes, situada no prédio desta última, e o próprio Largo da Graça, que, pela importância do tema, é abordado em seção subsequente.

3. O Largo da Graça

Na cidade, são considerados 'espaços livres' [aqui denominados espaços abertos] todos os **largos**, ruas, **praças**, pátios, quintais, parques e jardins. São esses os espaços de sociabilidade, as áreas que 'amarram' o conjunto dos edifícios e casas (SERPA, 1998, p. 75, grifos meus).

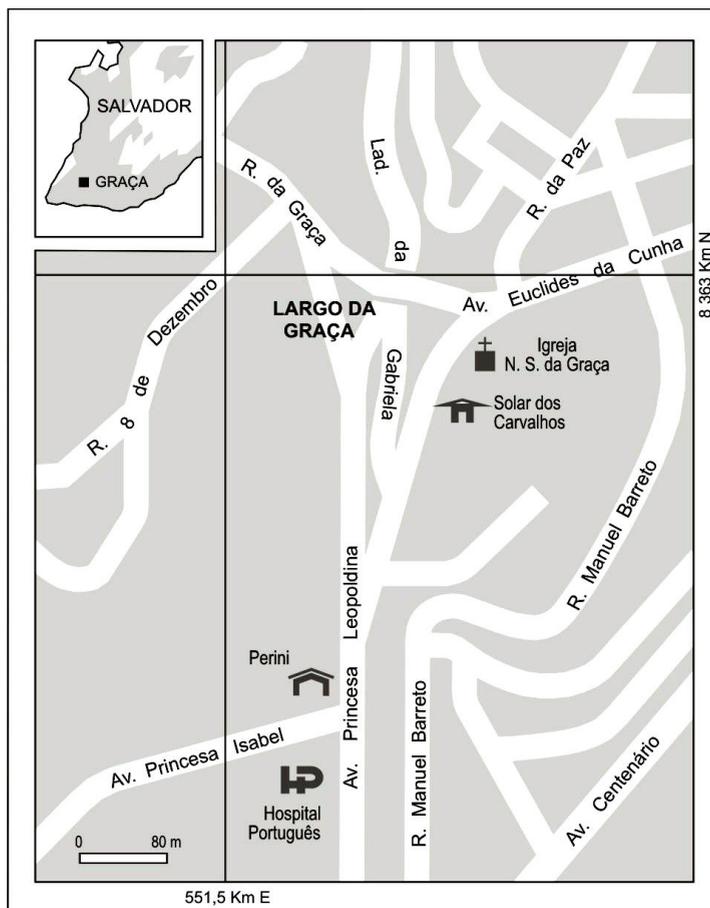
O Largo da Graça se caracteriza como um centro do bairro, para o qual convergem e no qual se articulam os principais fluxos da região (Figura 1). Nesse sentido, Francisco Lessa, da Gerência de Informações do Centro de Planejamento Municipal (CPM), em entrevista feita ao Jornal Correio da Bahia, em 24 de agosto de 1996, relata que há 15 anos a Graça possuía características marcadamente de destino final, mas, atualmente, é um corredor de passagem, ou polo gerador de tráfego. As vias principais constituem os eixos viários do Largo, que permitem o deslocamento diário das pessoas para os bairros da Vitória, Ondina, Barra, Barra Avenida, Federação e ao Campo Grande, e, segundo os entrevistados, com fluxo intenso de veículos e congestionamentos em horas de pico, o que dificulta a circulação de pessoas e a sua utilização como um espaço público.

Os diferentes usos do local, como o simples deslocar das idas e vindas para utilização de determinado serviço ou equipamento urbano, permitem analisar as dinâmicas social e econômica subjacentes aos fluxos, que se apresentam como a necessidade do uso de equipamentos urbanos ao longo das vias, bem como o fato de que as formas espaciais pouco privilegiam o pedestre, haja vista o pequeno espaço das calçadas ocupado por barracas de pequenos negociantes, passeios em manutenção, falta de rampas de acesso para cadeirantes, falta de segurança para os pedestres, desrespeito à faixa de pedestres, entre outros problemas apontados.

No Largo, confirmam-se as afirmações de Frémont (1980), para quem o espaço apresenta uma dimensão material e simbólica: os signos da regulação socioespacial, como os pontos de ônibus, as calçadas, as ruas, o viaduto, os semáforos, as faixas de pedestres, as rampas para os cadeirantes assumem diferentes significados pelas pessoas que os utilizam. Pois aqueles que por ali circulam no dia a dia apresentam diferentes visões referentes à circulação de pessoas e veículos e à sinalização das ruas. O

local é tido como de passagem para os trabalhadores da Graça e para os vendedores ambulantes, que representam o comércio informal da área, e também como acesso a bairros do entorno. Dentre os sentidos atribuídos ao lugar, a insegurança foi recorrente.

Figura 1
LARGO DA GRAÇA, SALVADOR-BA



Fonte: Adaptado da CONDER, 1992 e Google 2012; Trabalho de campo, 2011.

Rosalvo (63 anos), aposentado, não é morador do local, mas conhece a Graça há muito tempo, aonde vai todos os dias, para ficar com os parentes. Segundo ele,

a Graça de antigamente não era como é hoje. Antes com muitas casas, mas muito bom de morar. É um lugar tranquilo, as pessoas ficam mais 'concentradas' nas residências, mas de repente, tem um 'discudista' e vem um 'lanceiro' qualquer [...].

Lucas (51 anos) mora na Graça desde que nasceu, onde, antigamente, com menos prédios, “[...] se brincava na rua, andava de bicicleta, jogava gude, empinava arraia e jogava bola no Campo da Graça⁸”. Mesmo com o sentimento de orgulho prevalecendo, hoje Lucas reclama da descaracterização do bairro com “muito comércio, trânsito pior a cada dia que passa”, e quando se refere à segurança, após ter narrado um caso de assalto, diz que “em locais mais desertos a turma espera para poder atacar”.

Armando, responsável pela limpeza da igreja, reafirma os fatos, mas, segundo ele, “[...] só no domingo é perigoso, muito pivete, muito roubo. Lá – indicando os lados da Avenida Euclides da Cunha – é um robaceiro”.

Na percepção de muitos dos frequentadores do Largo da Graça, os pedestres são alvo de assaltos, de “saidinhas bancárias”. Os mesmos depoentes atestam uma apropriação noturna da área pela mendicância e revelam o receio de transitarem no local após horário comercial. “O Calabar⁹ é mais seguro que aqui”, diz João, com mais de 60 anos, e morador da Graça há 40, salientando a diferença social em um bairro considerado nobre. Os espaços públicos são cada vez menores, até porque, neles, os encontros, segundo Caldeira (2000, p. 301), “se tornam a cada dia mais tensos, até violentos, porque têm como referência os estereótipos e medos das pessoas”. Assim, conteúdos topofóbicos obscureceram a leitura topofílica feita por moradores do Largo da Graça.

Durante o dia, a segurança na Praça Dr. Paterson¹⁰ é mantida pelo uso dos frequentadores, misturando-se as funções e pessoas de grupos sociais diferentes, que andam nas mesmas calçadas, batem papo, leem jornal, um livro ou jogam dominó, e sentam-se nos mesmos bancos de madeira, sob o sombreamento proporcionado pelas árvores, quando incide sobre esses. Pode-se aqui afirmar, de acordo com Henrique (2009), que a produção social da natureza e sua apropriação resultam de ações coletivas.

A Praça, ao centro do Largo da Graça estendendo-se até um canteiro próximo à Perini, foi adotada pelo Hospital Português em outubro de 2006, dentro do Programa Municipal de Adoção de Praças, Áreas Verdes, Monumentos e Espaços Livres de Salvador, lançado pela Prefeitura em abril de 1997, que permite às empresas privadas recuperar e manter logradouros públicos, mesmo considerando que tal adoção lhes serve como um veículo de *marketing* (Figura 2).

Figura 2
PRAÇA DR. PATERSON, NO LARGO DA GRAÇA, SALVADOR-BA



Fonte: Trabalho de campo, 2011

Embora, segundo Henrique (2009), a natureza material e simbólica incorpore-se ao mundo capitalista,

é praticamente impossível encontrar uma pessoa ou grupo que se posicione contrariamente à construção de uma praça ou com a **manutenção de uma grande área verde em um espaço altamente adensado de uma cidade** (HENRIQUE, 2009, p. 20, grifos meus).

Mesmo que não se queira considerar como “natureza” uma praça com ajardinamento – produto de vontade estética –, a importância de sua preservação na cidade é enfatizada pelo morador do bairro, Lucas (51 anos), quando se refere ao cuidado com a Praça pelo Hospital Português: “já vi um rapaz limpando com a farda do hospital”. E Armando, responsável pela limpeza da igreja, mais observador pela profissão que assume, fala do zelo do rapaz que “limpa, planta grama, plantas [...] e só não trabalha sábados e domingos”. Observo que a Praça não oferece equipamentos e grandes atrativos, mas tem boa manutenção, com seus jardins, bancos e árvores bem cuidados. Somente na área próxima à Perini a Praça é “deixada de lado”, apresentando grama alta e lixo.

Apesar dos problemas apontados no bairro, a pequena Praça é utilizada como local de descanso e de passeio para os moradores e trabalhadores do entorno, constituindo-se dessa forma como um espaço significativo aos olhos dos que lá vivem seu cotidiano. Nas palavras de uma senhora de aproximadamente 55 anos, “a praça é agradável, apesar de ser bastante movimentada e um local de passagem. É um lugar gostoso e trago meu cachorro para passear e conversar com algumas pessoas da minha idade”. De acordo com seu uso, os residentes reconhecem a Praça Dr. Paterson pelo seu valor patrimonial.

Dr. Paterson? Somente alguns dos entrevistados sabiam informar de quem era o ilustre busto que estava ali representado numa cúpula de granito, como o “médico que tratou dos índios”. Tive que me aproximar para ler com dificuldade o que lá estava escrito e gravado em uma placa na parte frontal do monumento: “Memorial ao Dr. John Ligertwood Paterson em testemunho de amizade, estima e gratidão foi este monumento erigido pelo público neste local. Concedido pela Câmara Municipal da Cidade da Bahia sendo seu presidente o Dr. Augusto Ferreira França da Província o Conselheiro Pedro Luiz Pereira de Souza. Foi restaurado em 2004”.

Uma das fortes tradições da Graça é seu caráter religioso. A pequena Igreja (Figura 3), marco principal do bairro e da aristocracia baiana, tem um significado especial e é lugar de encontro não só para os moradores que a frequentam, como para pessoas de bairros próximos, que vão à missa nos dias da semana e, principalmente, aos domingos.

A Igreja esconde-se por trás das árvores. Subo a escadaria com o aluno Leonardo. O interior está vazio. No chão, antes do altar, uma laje com os dizeres: “sepultura de D. Catharina Alvares Paraguassu”. Ao fundo do claustro – decorado com enormes tachos de barro deitados – pode-se ver um arranha-céu. Procuo ver a essência e os significados do lugar, a partir das edificações e demais estruturas existentes (seu patrimônio), complexo no qual coexistem sua materialidade, os significados culturais, os valores estéticos e a memória.

Figura 3
IGREJA NOSSA SENHORA DA GRAÇA, EM SALVADOR-BA



Fonte: Trabalho de campo, 2011

Assim, convivem harmoniosamente, ao redor da Praça triangular, a elegante Igreja, mansões seculares e prédios residenciais modernos de alto luxo, que conservam, dos antigos palacetes, nomes de antigas famílias tradicionais do bairro, como o Edifício José Maria de Magalhães Netto, Edifício Engenheiro Oscar Pontes e Edifício Monsenhor Ayres, ao lado de

outros que indicam a população branco-mestiça (VASCONCELOS, 2002), soteropolitana: Edifício Êuá, Edifício Babú Ajalê e Edifício Elemossó.

A arquitetura dos prédios exhibe o *status* de seus moradores, assegurando, através das tecnologias de segurança – grades de ferros, muros altos, portões trancados, câmaras, portarias, vigias e guardas armados – a “aura de exclusividade” dos prédios, todos eles mais parecidos com prisões ou fortalezas (Figura 4), conforme exigências que mudam o estilo das fachadas (CALDEIRA, 2000).

Figura 4

EDIFÍCIOS VILA PALMA E VILA VELHA, NO LARGO DA GRAÇA, SALVADOR-BA



Fonte: Trabalho de campo, 2011

De acordo com Tuan (1983, p. 114) “[...] o meio ambiente construído define as funções sociais e as relações”. Estabelece também Capel (2002) uma clara relação entre morfologia e espaço social: “[...] *puede afirmarse que la forma urbana es un producto social, está producida por personas y grupos sociales a través de procesos que pueden detectarse mediante el análisis*” (CAPEL, 2002, p. 69). Assim, um complexo arquitetônico é capaz de

afetar as pessoas que nele vivem, de aperfeiçoar sensações e percepções humanas e as pessoas são capazes de sentir as diferenças através da forma (TUAN, 1983). Leonardo, ao tirar fotos dos edifícios Vila Palma e Vila Velha, comenta ser esse o “sonho de consumo de muita gente”.

Na Figura 5, a Praça Dr. Paterson “rasgada” pelo viaduto escavado para ligar o bairro da Graça ao Vale do Canela, o que tornou a pequena praça ainda menor. Até quando será mantida e fora do alcance da especulação imobiliária? Fica a questão.

Figura 5
VIADUTO DO LARGO DA GRAÇA, SALVADOR-BA



Fonte: Trabalho de campo, 2011

A Graça é, ainda, uma área de grande especulação imobiliária em Salvador, realizada a partir da demolição de mansões antigas, já que os terrenos são escassos no bairro e a procura de imóveis pela população soteropolitana continua elevada nos dias atuais.

Dessa forma, no Largo da Graça “sobrevivem” duas mansões. Bem próxima aos “enclaves de luxo”, uma mansão abandonada à “espera” de

um futuro incerto, e, ao lado da Igreja, o bellissimo Solar dos Carvalhos, que chama atenção pelas características da época (Figura 6): “Construído em 1890, é o único chalé alpino dentre os erguidos na Bahia que ainda está mantido com suas características originais [cuja riqueza] é visível por fora e por dentro, onde todo o mobiliário original é conservado [...]” (OLIVEIRA, 2011).

Figura 6

SOLAR DOS CARVALHOS, NO LARGO DA GRAÇA, SALVADOR-BA

MANSÃO ABANDONADA, NO LARGO DA GRAÇA, SALVADOR-BA



Fonte: Trabalho de campo, 2011

Segundo Capel (2002, p. 70, grifo meu) “[...] pequeños detalles morfológicos permitan al observador atento percibir las diferencias sociales o funcionales que existen por debajo de las apariencias superficiales”. Armando, funcionário da Igreja, observa que o Solar até há pouco tempo era habitado por uma senhora – provavelmente uma descendente da nobre família –, sendo alugado ao fim do ano e, conforme pude verificar, durante a noite mantém a segurança. Vale à pena passar por ele em noite de dezembro! Fica magnífico, como se absorvesse “todas” as luzes do Natal.

Mas as luzes do Natal ofuscam, e nem tudo é nobreza no Largo da Graça. Cenas de rua que tendem a destruir as imagens românticas e levar à realidade da população carente que existe em Salvador: um velho que pede esmola aos passageiros dos carros que o ignoram, “protegidos” pelos vidros fechados; cansado, o velho se senta à espera de um trocado que não vem; uma moça que coleta o saco de lixo e sai com seu fardo “precioso” nas costas (Figura 7).

Figura 7

O OUTRO LADO DA "NOBREZA" - LARGO DA GRAÇA, SALVADOR-BA



Fonte: Trabalho de campo, 2011

4. Algumas ponderações finais

A praça é um espaço ancestral de exercício da cidadania, segundo Serpa (1998), fazendo um contraponto entre a praça pública na Idade Média e no Renascimento, quando era disponível ao povo para suas festas e feiras, e nos dias atuais, nos quais “a praça se caracteriza [muito mais] como um espaço casual, ocioso (e, portanto oneroso) na estrutura urbana” (SERPA, 1998, p. 19).

Ao considerar, de modo geral, as praças de Salvador, a tendência é concordar com o autor supracitado, mas a experiência de vida na cidade me leva também a falar de uma “intensa animação” em algumas de suas praças centrais. Na Praça da Piedade, na Avenida Sete de Setembro, a cidade é sentida pelas práticas cotidianas do lugar: ainda é agradável andar ali, um local de encontro de pessoas de qualquer idade e qualquer classe social, um lugar dos aposentados, de camelôs (responsáveis em grande parte pela animação e cacofonia), de pedintes, de pequenos comícios, de barulho¹¹ do vai e vem das pessoas, de algumas manifestações culturais, de paquera, e de muitos pombos que alegrem crianças e adultos. À noite, os portões da praça se fecham e só ficam os camaleões, alojados nas áreas verdes “fortificadas” pelos altos gradis de ferro, que ainda permitem a visibilidade, mas não a interação, nem a ocupação dos moradores de rua.

Nesse sentido, diz Caldeira (2000) que as ruas abertas, a circulação livre, os encontros impessoais e anônimos de pedestres, o uso público e espontâneo de ruas e **praças**, a presença de pessoas de diferentes grupos sociais, passeando e observando os outros que passam, são elementos básicos da experiência moderna de vida pública urbana. “Na vida pública as diferenças permanecem não assimiladas (...). O público é heterogêneo, plural e divertido” (CALDEIRA, 2000, p. 305). Concordamos plenamente com a autora, com a menção desse espaço público moderno e democrático, a exemplo da Praça da Piedade citada.

Segundo Vasconcelos (2002, p. 395, grifo meu), “Salvador sempre contou com um sistema tradicional de **praças**, correspondente à urbanização portuguesa”. Com o topônimo de praças, a exemplo das de São Bento, da citada Piedade, da Sé, no centro da cidade, a urbanização portuguesa citada por Vasconcelos se reflete na cidade atual. Mas é em todos os pontos da cidade, principalmente em áreas periféricas, que as praças públicas expressam o abandono das administrações municipal e estadual.

Quando a cidade adquiriu características de metrópole, e com o aumento das preocupações ambientais, uma série de áreas foram definidas como **parques metropolitanos**, e foram preservadas a partir de legislação específica (VASCONCELOS, 2002, p. 395-396, grifos meus).

Em Salvador, foram criados os parques metropolitanos: Zôo-Botânico Getúlio Vargas (mais conhecido como Jardim Zoológico de Salvador), em Ondina; da Cidade em plena área urbana, zona tampão entre os bairros de Itaipara, Pituba e Nordeste de Amaralina; de Pituaçu; de São Bartolomeu, importante do ponto de vista dos cultos afro-brasileiros; Lagoas e Dunas do Abaeté, em Itapuã, importante do ponto de vista turístico, assim como para os cultos afro-brasileiros; o do Dique do Tororó; e o de diversões Wet'n Wild Bahia ao longo da Avenida Luis Viana Filho (Paralela).

Parques que, a exemplo do de Lagoas e Dunas do Abaeté e o de São Bartolomeu, não obstante serem Áreas de Proteção Ambiental (APA), se encontram desamparados pelo poder público estadual e degradados ambientalmente. Outros, como o do Dique do Tororó e o de São Bartolomeu, são cenários de importantes fatos históricos, sendo que o primeiro, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pas-

sou por recente requalificação/revitalização, tendo sua forma urbanística modificada e a função espacial alterada pelo múltiplo uso.

Na análise do espaço público, Serpa afitma que

[...] forma e conteúdo são [...] indissociáveis e uma discussão sobre o tema passa necessariamente pela difícil articulação entre os aspectos que dão 'concretude' à esfera pública urbana e **aqueles de cunho mais abstrato, que denunciam seu caráter intersubjetivo** [...] (SERPA, 2009, p. 15, grifos meus).

Foi com esse caráter abstrato, intersubjetivo que iniciei a pesquisa social, empírica, no Largo da Graça – ainda não intimamente experienciada, mas, do caminho que segui, voltei mudada.

Retornando ao método, procurei sistematizar e racionalizar as atividades que me deram a segurança e as referências necessárias para obter um conhecimento válido sobre a área em questão. Optei por proceder à investigação e à análise de fatos, processos e instituições do passado, para perceber sua influência na sociedade que compõe o bairro, e que interagiram, posteriormente, com as entrevistas realizadas, abordando aspectos qualitativos do dia a dia dos frequentadores, moradores e trabalhadores do local.

O trabalho foi o ponto de partida para minhas reflexões teórico-metodológicas, de fundamental importância para a construção de “novos” sentidos do objeto de estudo – o Largo da Graça – um espaço público diferenciado por sua concretude e por práticas cotidianas e dinâmicas sociais que nele se desenvolvem.

Notas

¹ Entre esses à nora Gilma e ao genro Adriano pela discussão do estudo. Agradeço também o apoio e perspicácia do aluno Leonardo Almeida que comigo desfrutou do estimulante trabalho de campo.

² As entrevistas feitas pela autora em trabalho de campo contemplaram pessoas de diferentes categorias sociais, moradores, trabalhadores, homens e mulheres com idades variadas, cujas falas foram utilizadas na construção de alguns textos do artigo, mas as identidades são preservadas, com adoção de nomes fictícios. Nas entrevistas disponíveis em Oliveira (2011) sobre o patrimônio do bairro, os nomes são mantidos de acordo com a citação.

³ Guia de viagem sobre a Bahia, preparado por Domingos e Keller (1956) destaca a localização das classes em Salvador. Dessas, a “classe mais abastada” estava localizada na Vitória, Graça, Barra, Barra Avenida e em casas ao longo das praias atlânticas (VASCONCELOS, 2002, p. 321).

⁴ Como verificado, pesquisas históricas afirmam ser a expansão da Graça precedente à fundação da cidade do Salvador, se tomarmos como referencial a Igreja de Nossa Senhora da Graça, um dos grandes marcos do bairro, considerada a mais antiga da América Latina e primeira a ser erguida no Brasil, como consta no arquivo da Secretaria Eclesiástica da Arquidiocese da Bahia (OLIVEIRA, 2011).

⁵ Contam que das águas da fonte saiu o fogo que ardeu o coração de Caramuru, quando avistou uma índia nua nas matas que ele transformou em Catharina Paraguassu, sua esposa, e nunca quis morar do lado de dentro dos muros da cidade de Salvador (SOTTO MAIOR, Maurício. Disponível em: <<http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>>. Acesso em: 18 nov. 2011).

⁶ Em 1980, além da verticalização de prédios de luxo na Graça, inicia-se, no período, o aumento das atividades não residenciais, como clínicas e escolas (VASCONCELOS, 2002, p. 329 e 360).

⁷ O engenheiro Mário Leal Ferreira estudou nos Estados Unidos onde estavam sendo implantadas, no período, as avenidas do tipo “freeways”, concebidas para uso do automóvel e alta velocidade.

⁸ O antigo campo, primeiro estádio de futebol de Salvador.

⁹ O Calabar é um dos bairros populares de Salvador, situado entre os bairros do Jardim Apipema, Ondina, Alto das Pombas e Avenida Centenário. Composto por população de baixa renda, o Calabar traz, consigo, uma história de organização e resistência do povo negro para fixar residência em local nobre da cidade. Hoje, grupos do bairro, fortalecidos, reivindicam direitos básicos, como saúde, moradia, educação.

¹⁰ O “Doutor Inglês” John Ligertwood Paterson tem uma escultura de seu busto na Praça, como reconhecimento de seus feitos na Bahia, onde cursou a Faculdade de Medicina e notabilizou-se no combate à febre amarela e cólera-morbo (Memorial ao Dr. John L. Paterson. Disponível em: <<http://cultura.salvador.ba.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2011).

¹¹ Queixas sobre o ruído urbano têm sido registradas desde os tempos antigos, a exemplo das ruas de Roma, mas nos muitos parques e jardins da cidade, o cidadão podia encontrar beleza e tranquilidade (TUAN, 2005).

Referências

BERNARDES, Júlia Adão. A questão urbana na metrópole e os movimentos sociais: algumas considerações. In: SILVA, C. A da et al. (Orgs.). **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A; /Faperj, 2006. p. 223-236.

Boletim Paulista de Geografia/Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros. N. 84 (2006). São Paulo: AGB, 2006. 138 p.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. (Tradução Frank de Oliveira e Henrique Monteiro). 34 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

CAPEL, Horacio. **La morfologia de las ciudades. Sociedad, cultura y paisaje urbano**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002.

FERRARI, Célson. Uso do solo urbano e as formas espaciais urbanas. In: **Curso de planejamento municipal**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1982. p. 311-346.

FREMÓNT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980. (Trad. Antônio Gonçalves). 278 p.

HENRIQUE, Wendel. **O direito à natureza na cidade**. Salvador: EDUFBA, 2009. 186 p.

LENCIONI, Sandra. Reconhecendo metrópoles: território e sociedade. In: SILVA, C. A. da et al. (Orgs.). **Metrópole**: governo, sociedade e território. Rio de Janeiro: DP&A;/Faperj, 2006, p. 40-57.

LESSA, Francisco. Gerência de Informações do Centro de Planejamento Municipal – CPM. Salvador: CPM, 1996. (Entrevista feita ao Jornal da Bahia, em 24/08/1996).

LYNCH, Kevin. A. A dimensão da cidade e a noção de bairro. In: **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 227-237.

OLIVEIRA, Cláudia. **Patrimônio**: bairro agrega relíquias que ajudam contar a história da Bahia. Disponível em: <<http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/docpolo/passadoepresente.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada**: o caso da São Paulo. São Paulo: Nobel: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. 116 p. il.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 1 ed. 1 reimp. São Paulo: Contexto, 2009. 205 p.

_____. **Urbana baianidade, baiana urbanidade**. Salvador: UFBA, 1998. 184 p.

TUAN, Yi-Fu. Espaço arquitetônico e conhecimento. In: **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. (Trad. Lívia de Oliveira). p. 113-131.

_____. Medo na cidade. In: **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005. (Trad. Lívia de Oliveira). p. 231-278.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1980. (Trad. Lívia de Oliveira). 288. p.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador**: transformações e permanências (1549-1999). Ilhéus: Editus, 2002. 456 p. il.

VIVA REAL PORTAL IMOBILIÁRIO. Disponível em: <<http://www.vivareal.com.br/apartamento-29770535/>>. Acesso em: 5 jan. 2012.

Recebido em: 06/01/2012

Aceito em: 27/04/2012